Um futuro acadêmico e ecumênico: novas perspectivas na teologia pentecostal brasileira

An academic future and ecumenic: new perspectives in the brazilian pentecostal theology

*André Luís da Rosa**

Recebido: 22/03/2018. Aprovado: 02/05/2018.

Resumo: *O presente artigo tem por objetivo apresentar, de modo sintético, algumas das novas perspectivas da teologia pentecostal brasileira. Se no passado o pentecostalismo era estigmatizado como um movimento de ignorantes, hoje, mesmo que um certo anti-intelectualismo ainda esteja presente em muitas comunidades pentecostais, surgem grupos de pentecostais engajados com uma produção acadêmica séria, nos principais programas de pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião do Brasil. Diante deste cenário, no primeiro momento, o artigo apresentará uma breve compreensão da atual configuração do pentecostalismo no Brasil e a questão da produção teológica na origem do movimento. E, na segunda parte, se apresentará os novos ambientes de produção acadêmica pentecostal no Brasil e duas questões teológicas específicas: a teologia pentecostal e as questões sociais, e a teologia pentecostal e o ecumenismo.*

Palavras-chave: *Pentecostalismo. Teologia. Sociedade. Ecumenismo.*

Abstract: *The present article has as the objective to show in a concise way, some of the new perspectives of the brazilian pentecostal theology. If in the past the pentecostalism was stigmatized as a movement of fools, nowadays even if some certain anti-intellectualism, still it has been present in many pentecostal communities, there appears some pentecostal groups gathered with a serious academic production in the main Theology graduated course programs and Brazil's Religion Science. Against this scene, at first moment, the article*

* Mestre em Ciências das Religiões (Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2017). Especialista em Ciências da Religião (Universidade Cândido Mendes, polo de Criciúma, 2018). Licenciado em Ensino Religioso (Faculdade Paulista São José, polo de Curitiba, 2017). Bacharel em Filosofia (Faculdade São Luiz, Brusque, 2014). Membro da Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais – Núcleo Brasil (RELEP).

E-mail: andreldarosa@hotmail.com

will show a brief comprehension of the actual settings of the pentecostalism in Brazil and theological production question, onde it's moviment begining. And on the second part, it will be presented the new Brazilian pentecostal production environmmnt, and the social questions and the pentecostal theology and ecumenismo.

Keywords: *Pentecostalism. Theology. Society. Ecumenism.*

Introdução

Para uma reflexão objetiva sobre o movimento pentecostal, é necessário pesquisá-lo livre de estereótipos recorrentes em estudos nos meios católicos e protestantes históricos. Nesse sentido, Edin Sued Abumanssur alerta que o pentecostalismo é um fenômeno que, para a maior parte das pessoas, permanece como um terreno sombreado no campo do conhecimento. As pessoas em geral sabem do que se trata, mas poucos conhecem de fato.¹ Assim, ele afirma:

a consequência é que se criou, em grande medida, uma visão estereotipada do pentecostalismo e de suas igrejas. Visão essa que atende a interesses alheios ao próprio campo religioso e que visa manter esses atores sociais à margem dos centros de decisão. O que o grande público sabe do pentecostalismo não condiz com a realidade dessas comunidades de fé.²

Um dos estereótipos muito recorrentes é o de que os pentecostais não possuem uma reflexão teológica própria; porém, a maioria da academia ainda desconhece algumas iniciativas que têm surgido em toda a América Latina e no Brasil. Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo apresentar, de modo sintético, algumas das novas perspectivas que a teologia pentecostal brasileira está tomando. No primeiro momento, se apresentará uma breve compreensão da atual configuração do pentecostalismo no Brasil e a questão da produção teológica na origem do movimento. E, na segunda parte, se apresentará os novos ambientes de produção acadêmica pentecostal no Brasil e duas questões teológicas específicas: a teologia pentecostal e as questões sociais, e a teologia pentecostal e o ecumenismo.

¹ Cf. ABUMANSSUR, Edin Sued. Introdução. In: ABUMANSSUR, Edin Sued; BARBOSA, Carlos Antonio; VALÉRIO, Samuel Pereira (Orgs.). *Pentecostalismos no Brasil Contemporâneo: novas perspectivas*. São Paulo: Reflexão, 2016, p. 13.

² ABUMANSSUR, 2016, p. 13.

1 Os pentecostalismos no Brasil

O pentecostalismo é hoje um fenômeno global, multicultural, multidimensional e multiconfessional.³ Por isso, o termo *pentecostal* é genérico, não referindo-se a um só segmento da fé evangélica, mas a vários grupos e expressões originadas no escopo do protestantismo mundial.⁴ A pluralidade parece ser uma nota própria desta manifestação religiosa, pois a intenção originária do Movimento Pentecostal não era a de fundar uma nova instituição, mas, como afirma o pentecostal Roger Cabezas: “o pentecostalismo é mais que uma doutrina (uma confissão), é uma maneira de viver e experimentar a fé cristã que emergiu do seio de diversas tradições confessionais”.⁵ Assim problematiza Ronaldo de Almeida:

*nos sistemas classificatórios mais frequentes o pentecostalismo brasileiro é considerado pertencente ao meio evangélico ao lado dos protestantes históricos e em oposição ao catolicismo no interior do cristianismo. Mas como classificar; então, os protestantes ‘renovados’ e os carismáticos católicos que se apropriam de dimensões do pentecostalismo como a experiência extática da glossolalia e, no caso dos católicos, a conversão individual tipicamente evangélica com ênfase na subjetividade e na emotividade? [...] Em resumo, o pentecostalismo extrapola suas fronteiras institucionais assim como incorpora mecanismos de funcionamento de religiões fora do campo cristão.*⁶

Por este motivo, o pentecostalismo é um movimento diversificado por natureza e assumiu diversas configurações desde suas origens. Segundo Gedeon Freire de Alencar:

nunca existiu um pentecostalismo no singular; mas pentecostalismos no plural, desde suas origens americanas e, também – e bem mais anteriores –, dos movimentos de santidade e pietismos europeus. O Movimento da

³ WOLFF, Elias. Editorial. *Caminhos de Diálogo: Revista Brasileira de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso*. Brasília: CNBB, n. 4, a. 3, p. 7-9, 2015. p. 7.

⁴ Cf. SANCHES, Regina Fernandes. Desafios identitários para a questão da unidade no pentecostalismo. In: OLIVEIRA, David Mesquiat de (Org.). *Pentecostalismos e unidade*. São Paulo: Fonte, 2015. p. 146.

⁵ CASCO, Miguel Angel; CABEZAS, Roger; MANRÍQUEZ, Samuel Palma. *Pentecostais, libertação e ecumenismo*. São Leopoldo: CEBI, 1996. p. 32.

⁶ ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 111.

*Rua Azusa, em Los Angeles, se tornou a grande referência no século XX, mas não foi o único. Muito pouco deste pentecostalismo black chegou até nós.*⁷

O crescimento não planejado estrategicamente do pentecostalismo, mas espontâneo, para Regina Fernandes Sanches, demonstrou ser rico em possibilidades, justificando-se a fluidez deste movimento, o que impõe grandes desafios de identificação ou de construção de identidades no pentecostalismo.⁸ Os pentecostalismos consideram-se obra do Espírito Santo, que age sobre todos; assim, valoriza-se a experiência subjetiva. Cada pessoa é motivada a buscar sua própria experiência, como analisa Esdras Costa Benthó: “não há como transferir, reproduzir ou transmitir a mesma experiência a outros. Cada um deve ter sua própria experiência de batismo no Espírito Santo”.⁹ Ainda, verifica-se que os pentecostalismos são multidimensionais, pois possuem a capacidade de impregnar as mais variadas estruturas sociais e religiosas, e transterritoriais, uma vez que o ser pentecostal assume características específicas conforme o continente ou o país.¹⁰

Esta diversidade de pentecostalismos tem sido classificada por diversos autores, a partir das linhas comuns, de data de surgimento ou doutrinas, das denominações. Segundo Regina Fernandes Sanches, tem-se, no Brasil, expressões pentecostais provenientes diretamente do Movimento de Santidade, como o próprio pentecostalismo da Rua Azusa, bem como as Igrejas geradas no Brasil, classificadas como pentecostalismo histórico. Há também as Igrejas carismáticas ou de renovação, formadas após a pentecostalização de grupos de dentro das Igrejas evangélicas históricas fundadas no esforço missionário dos séculos XIX e XX.¹¹

Já a autora Dafne Sabanes Plou, apresenta quatro maneiras diferentes das igrejas pentecostais formarem-se na América Latina: os movimentos que nasceram nas denominações históricas; os movimentos

⁷ ALENCAR, Gedeon Freire de. Prefácio. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e transformação social*. São Paulo: Fonte, 2013. p. 15.

⁸ Cf. SANCHES, Regina Fernandes. Prefácio por uma teóloga protestante. In: CUNHA, Carlos. *Hermenêutica bíblica libertadora: encontro entre católicos e pentecostais*. São Paulo: Garimpo, 2016. p. 14.

⁹ BENTHO, Esdras Costa. Entre a emoção e a razão: a experiência pneumatológica dos pentecostais clássicos. *Caminhos de Diálogo: Revista de Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*. Brasília: CNBB, n. 4, a. 3, p. 91-102, 2015. p. 99.

¹⁰ Cf. WOLFF, 2015, p. 8.

¹¹ Cf. SANCHES, 2016, p. 13.

que surgiram por obra de missionários independentes, como Francescon; as Igrejas pentecostais que nasceram por obra de migrantes latino-americanos ao sul dos EUA, que regressaram a seus países pregando a mensagem pentecostal; e os movimentos iniciados pela obra de pessoas do próprio país.¹²

O teólogo Bernardo Campos apresenta quatro tendências básicas no pentecostalismo latino-americano:

- 1 – o pentecostalismo de expansão internacional, com forte influência do pentecostalismo americano;*
- 2 – o pentecostalismo de ramificação nacional, em desacordo aberto com o fundamentalismo norte-americano;*
- 3 – o neopentecostalismo, mais próximo do catolicismo do que do protestantismo evangélico, mas ainda oscilante e indefinido, e*
- 4 – os “movimentos de cura divina”, aos quais denomino isopentecostalismo, porque estão em sintonia com algumas particularidades do pentecostalismo clássico, mas cuja identidade, ainda em processo de desenvolvimento, parece ser de natureza diferente.*¹³

Todavia, no Brasil, os estudos tem tradicionalmente classificado o pentecostalismo como três ondas: *pentecostalismo clássico*, *deuteropentecostalismo* e *neopentecostalismo*. Seguindo a tipologização realizada por Ricardo Mariano,¹⁴ o denominado *pentecostalismo clássico* ou *pentecostalismo tradicional* é representado pela Congregação Cristã no Brasil (1910) e pelas Assembleias de Deus (1911), e predominou entre 1910 e 1950. Esta forma de pentecostalismo enfatiza a conversão para a separação do mundo através de uma moral rígida, a segunda vinda de Cristo, e, principalmente o batismo no Espírito Santo acompanhado do falar em línguas.

A segunda onda, o *deuteropentecostalismo*, representado pela Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Pentecostal O Brasil Para Cristo (1955), Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962) e Casa da Bênção (1964), teve início nos anos 50, e suas grandes características são: trouxeram para o Brasil o evangelismo de massa, difundiram-se por meio

¹² Cf. PLOU, Dafne Sabanes. *Caminhos de unidade: itinerário do diálogo ecumênico na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 87.

¹³ CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002. p. 73.

¹⁴ Cf. MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 24-36.

da rádio, provocaram a fragmentação denominacional do pentecostalismo brasileiro e sua principal ênfase teológica está no dom da cura divina.

O *neopentecostalismo* tem como principais representantes a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976) e, mais recentemente, a Igreja Mundial do Poder de Deus (1998). Elas possuem como ênfases a presença de líderes fortes, o uso abundante dos meios de comunicação de massa, a pregação da cura divina, a batalha espiritual contra o Diabo, o exorcismo público, a liberalização dos usos e costumes dos pentecostais tradicionais e a pregação enfática da teologia da prosperidade.

Vale a pena ainda destacar um dado importante para o pentecostalismo no Brasil: a Assembleia de Deus é o maior grupo pentecostal, e é uma das Igrejas que mais influenciaram a religiosidade cristã no país. Muitas denominações pentecostais e neopentecostais nasceram tendo como matriz as doutrinas e eclesiologias das Assembleias de Deus.¹⁵ Mas, como afirma Ari Pedro Oro, não existem fronteiras nítidas entre o pentecostalismo e o neopentecostalismo pois ambos se influenciam mutuamente e possuem muitos aspectos em comum.¹⁶

Comentando as classificações realizadas do pentecostalismo, Regina Fernandes Sanches ressalta que são esforços teóricos, todavia, não abarcam integralmente todas as formas e representações que se autodeclaram pentecostais, apenas apresentam, em linhas gerais, uma distinção entre as principais correntes do movimento.¹⁷ Muitos, a partir da diversidade de pentecostalismos, falam de uma identidade comum entre eles, para que se possa afirmar uma identidade pentecostal genérica.

Teologicamente, para Roger Haight, quatro doutrinas básicas fundamentam a fé pentecostal: a de que Jesus é o Senhor (Jo 2,16); que Jesus batiza no Espírito Santo (At 2,4); que Cristo cura (Tg 5,14-15); e a quarta diz respeito à segunda vinda de Cristo (1Ts 4,16-17). Haight ainda ressalta a centralidade da bíblia no pentecostalismo e que a doutrina do Espírito Santo constitui-se no foco central da fé pentecostal.¹⁸ Há ainda

¹⁵ Cf. OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?*. Viçosa: Ultimato, 2015. p. 31.

¹⁶ Cf. ORO, Pedro Ari. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 49.

¹⁷ Cf. SANCHES, 2015, p. 146.

¹⁸ Cf. HAIGHT, Roger. *A comunidade cristã na história: eclesiologia comparada*. Vol. 2. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 523-525.

diversas tônicas comuns aos pentecostalismos, segundo observa Elias Wolff, como: a relativização das mediações para o acesso à graça que cura, liberta e salva; a expressão emocional da fé; tendências à massificação no processo de evangelização, sobretudo pelo recurso midiático; tendências a espiritualizar o concreto da existência cotidiana; a fé experiencial, pois mais que uma doutrina o que importa é a experiência.¹⁹

1.1 A teologia na origem do pentecostalismo

O anti-intelectualismo, presente nas origens do pentecostalismo, remonta às ondas avivalistas norte-americanas que influenciaram os primeiros modelos de pentecostalismos. Dentre estes, inclui-se o movimento pentecostal brasileiro. Assim, a aversão ao ensino teológico por parte dos primeiros líderes da Assembleia de Deus brasileira tem raízes no pentecostalismo norte-americano. Mas a postura anti-intelectualista assembleiana também traz consigo uma influência sueca.²⁰ Os missionários escandinavos por várias décadas lideraram a denominação e deixaram marcas indelévels. Dentre elas, a visão de uma educação no modelo de Escolas Bíblicas, em contraposição aos seminários teológicos.²¹

Para compreender a questão da produção teológica na origem do pentecostalismo, é preciso recordar, como lembra Jonathan W. Olson, que os primeiros pentecostais anteciparam o iminente retorno de Cristo e, ao fazê-lo, investiram pouco nos assuntos do *mundo*, incluindo a reforma política e a econômica. Consequentemente, a educação também caiu no esquecimento. Assim, no início do movimento pentecostal havia escolas bíblicas cujo único propósito era instruir jovens pentecostais nas formas de evangelização, de missões e de fundar igrejas.²² Nessa perspectiva de formação bíblica com fins devocionais e evangelísticos, os primeiros pentecostais “viram instâncias mais formais do ensino superior como um

¹⁹ Cf. WOLFF, 2015, p. 8.

²⁰ Os dois missionários pioneiros das Assembleias de Deus no Brasil, Daniel Berg e Gunnar Vingren, eram de origem sueca.

²¹ Cf. GOMES, José Ozean. *Educação teológica no pentecostalismo brasileiro: a política eclesiástica da Assembleia de Deus com respeito ao ensino formal (1943-1983)*. São Paulo: Fonte, 2013. p. 189-190.

²² Cf. OLSON, W. Jonathan. Em busca de legitimidade: estudiosos pentecostais norte-americanos e os dilemas da carreira acadêmica. In: BARBOSA, Carlos Antonio Carneiro (Org.). *Teologia Pentecostal I: o que nos resta fazer?*. Vila Graciosa: Reflexão, 2017. p. 56.

desperdício de tempo, na melhor das hipóteses, e prejudicial a vitalidade espiritual, na pior delas”.²³

No mesmo sentido, analisando a produção teológica nas Assembleias de Deus do Brasil, o teólogo pentecostal Claiton Pommerening relata:

*o modelo inicial de preparo de obreiros nas Assembleias de Deus no Brasil era uma formação de caráter devocional, que consistia em um período de tempo de aproximadamente um mês, onde os obreiros se reuniam em tempo integral, para terem estudos de formação bíblica, espiritual e ministerial. Servia como conforto diante da grande necessidade de evangelizar o Brasil e também de conforto para os sofrimentos e privações infringidos aos primeiros obreiros. Era o que havia de melhor na época para o preparo de obreiros e foram imensamente difundidas e adotadas no Brasil inteiro.*²⁴

Assim, na origem do pentecostalismo, a teologia era vista como uma ameaça à experiência com o Espírito Santo, pois a racionalidade presente na teologia poderia ofuscar e fazer esmorecer a emocionalidade presente na experiência de fé. Mas a teologia também foi interpretada como uma ameaça ao carisma das lideranças que ditavam suas próprias compreensões teológicas.²⁵ Nas palavras de Pommerening, “a teologia acadêmica poderá ser uma ameaça a esses líderes. Ela pode vir a subverter sua liderança e suas decisões, que, algumas vezes, são tomadas com bases políticas, e não teológicas”.²⁶

2 Os novos ambientes de produção teológica no pentecostalismo brasileiro

O crescente interesse de pesquisadores das áreas das Ciências Humanas e Sociais pelo fenômeno pentecostal pode ser constatado de diversas maneiras, como: a produção de inúmeras dissertações e teses;

²³ OLSON, 2017, p. 56.

²⁴ POMMERENING, Claiton Ivan. *Fábrica de pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal*. 2015. 217 f. Doutorado (Tese). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2015. p. 35.

²⁵ Cf. POMMERENING, Claiton. Desafios teológico-institucionais das Assembleias de Deus no Brasil. In: OLIVEIRA, 2015, p. 55-56.

²⁶ POMMERENING, 2015, p. 56.

publicações de livros; revistas acadêmicas especializadas no assunto, como a *Azusa – Revista de Estudos Pentecostais* e a *REPAS – Revista de Estudos Pentecostais Assembleianos*; Grupos de Pesquisa, como o Grupo de Estudos sobre Protestantismo e Pentecostalismo (GEPP),²⁷ da PUC de São Paulo e o Grupo de Pesquisa sobre a Teologia Sistemática Pentecostal no Brasil, da PUC do Paraná;²⁸ Grupos de Trabalho (GTs) em grandes eventos nacionais, como os da ABHR (Associação Brasileira de História das Religiões), da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião) e da ANPTECRE (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião); até mesmo tem surgido linhas de pesquisa em programas de pós-graduação *stricto sensu* em Ciências das Religiões e Teologia sobre a teologia pentecostal, como é o caso da Escola Superior de Teologia (EST), da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Todavia, não se trata apenas de uma motivação de pesquisadores por estudar o pentecostalismo, mas, diferente da origem do pentecostalismo, cada vez mais os próprios pentecostais estão ingressando em programas formais de pós-graduação. Para o cientista da religião Gedeon Alencar, a partir de 1971 começa a acontecer uma das mais significativas mudanças no modelo assembleiano de educação, pois, aquilo que nos primeiros anos se condenava de forma veemente, agora há uma adesão compulsória. A CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil) criou o Conselho de Educação e Cultura, com toda uma burocracia, estrutura organizacional de âmbito nacional, plano de diretrizes e metas, processos de reconhecimento dos institutos, seminários e faculdades. Tudo para incentivar as igrejas do Brasil inteiro a abrirem faculdades com o credenciamento do MEC, superando o modelo de Institutos Bíblicos. Para Alencar, não basta mais apenas o reconhecimento da tradição assembleiana, agora novas valorações são acrescentadas, de preferência as acadêmicas.²⁹ Algumas faculdades assembleianas, apenas a título de exemplo, são a FAECAD, do Rio de Janeiro, a Faculdade

²⁷ GEPP. *Grupo de Estudos sobre Protestantismo e Pentecostalismo*. Disponível em: <<https://geppuc.wordpress.com/>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

²⁸ Cf. PUCPR. *Teologia Pentecostal no Brasil: uma análise sistemática*. Disponível em: <http://www.pucpr.br/po_sgraduacao/teologia/receptor.php?id=57264>. Acesso em: 12 jan. 2017.

²⁹ Cf. ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus – 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013. p. 230-231.

Refidim, de Joinville, Santa Catarina, e a Faculdade Boas Novas, de Manaus, entre outras.

Uma importante iniciativa de reflexão pentecostal é o Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLyC), que surgiu com o apoio do Fórum Cristão Mundial (FCM), como um esforço pela unidade dos pentecostais no continente.³⁰ Seu primeiro encontro aconteceu em Lima, Peru, no mês de agosto de 2011.³¹ O FCM foi iniciado pelo CMI, mas é um processo autônomo e que já não depende do CMI, está sob a responsabilidade de um comitê internacional autônomo. Ele surgiu em 1998 como uma tomada de consciência de que o Cristianismo mudou muito desde o início do movimento ecumênico, em especial com o surgimento do movimento pentecostal-carismático. Por isso, nos encontros do FCM, 50% dos representantes devem ser de igrejas pentecostais, carismáticas e independentes, e os outros 50% das igrejas participantes do movimento ecumênico, incluindo a Igreja Católica.³² O FPLyC possui como alguns de seus objetivos: promover o encontro e o diálogo em nível nacional, sub-regional, regional e mundial dos pentecostais e entre eles e as demais famílias cristãs; criar instâncias de encontro com pentecostais de outras regiões do mundo; promover a reflexão sobre a teologia, prática e memória histórica do pentecostalismo latino-americano; facilitar o diálogo entre líderes pentecostais e estudiosos do pentecostalismo latino-americano.³³ Sobre essa iniciativa, David Mesquiati comenta que: “esse esforço de reunir os pentecostais e partilhar a mesa ainda não recebeu apoio massivo, mas é um claro sinal desse novo tempo de maior percepção da pluralidade e da necessidade de aprender a caminhar

³⁰ Cf. MEDOZA, Richar. Apresentação. In: OLIVEIRA, 2015, p. 9.

³¹ Depois do primeiro encontro constituiu-se um comitê e se elaborou um programa de quatro encontros sub-regionais: o encontro do Cone Sul, na Isla de Maipo, Chile, em 2012; o encontro da Região Andina, em Bogotá, Colômbia, em 2013; o encontro Mesoamérica e Caribe, em Pachuca, México, em 2014; e o encontro da sub-região do Brasil, São Paulo, em 2015. Todos estes encontros culminaram com a realização do encontro continental do FPLyC no Panamá, entre 21 e 24 de novembro. Neste evento fizeram-se presentes cerca de dez brasileiros. Cf. BEEK, Hebert Van. O Fórum Cristão Mundial e a busca pela unidade cristã. In: OLIVEIRA, 2015, p. 25-26. VÁSQUEZ, Oscar Corvalán. *Invitación al “Foro Pentecostal, Panamá, noviembre de 2016”*. Disponível em: <<http://www.foropentecostal.org/2016/07/20/convocatoria-foro-2016/>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

³² Cf. BEEK, 2015, p. 14-15.

³³ Cf. CORVALÁN, Oscar; ZOMETA, Celina Mercedes. Visão e missão do Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho. In: OLIVEIRA, 2015, p. 34.

juntos”.³⁴ Destes encontros, alguns materiais teológicos foram editados em forma de livro, como: *Ecumenismo del Espíritu, Fuego que Une e Pentecostalismos e Unidade*.

Outra iniciativa acadêmica de pentecostais latino-americanos é a Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais (RELEP). Ela surgiu em 1996, por meio de pentecostais acadêmicos que pesquisavam o pentecostalismo latino-americano e tinham o desejo de formar um grupo de pentecostais, de maneira coordenada, para aprofundarem os estudos sobre o tema. Ela está composta por acadêmicos religiosos e não religiosos das diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, constituindo-se como uma rede aberta, plural, inclusiva, multidisciplinar e ecumênica.³⁵ No Brasil, o primeiro encontro aconteceu em 2012, e foi organizado por David Mesquiati de Oliveira, teólogo assembleiano, na época doutorando pela PUC-RJ. Nos encontros da RELEP-Brasil já participaram cientistas sociais, teólogos pentecostais, metodistas, batistas, de igrejas autônomas e católicos carismáticos.³⁶ Assim, a RELEP tem sido uma importante instância para a produção e divulgação de trabalhos acadêmicos sobre os diversos pentecostalismos, para o diálogo com todas as pessoas e instituições que se interessam por compreender o pentecostalismo e para a consolidação de uma identidade pentecostal ligada às suas raízes regionais.³⁷ Destes encontros também já foram editadas algumas coletâneas de pesquisas em forma de livros: Em nível latino americano, foram lançados quatro volumes da obra *Voces del Pentecostalismo Latinoamericano: identidad, teología e historia*; no Brasil, as seguintes obras: *Pentecostalismos e Transformação Social*, *Pentecostalismos em Diálogo*, *Pentecostalismos em Perspectiva e Reforma Protestante e Pentecostalismo: Convergências e Divergências*.

Como fruto destes novos ambientes de produção teológica dos pentecostais, muitos temas que antes eram abandonados pelos mesmos passaram a receber uma importância central em suas pesquisas, como: a metodologia da teologia pentecostal, a igualdade de gênero, a superação da desigualdade racial, o diálogo intercultural e inter-religioso, entre

³⁴ OLIVEIRA, David Mesquiati de. Notas sobre pluralismo, diálogo inter-religioso e missão. *Atualidade Teológica*. PUC RIO: Rio de Janeiro, v. 20, n. 53, p. 307-337, mai./ago, 2016a. p. 314.

³⁵ Cf. CHIQUETE, José Daniel. Apresentação. In: OLIVEIRA, 2013, p. 12-13.

³⁶ ALENCAR, 2013, p. 17.

³⁷ OLIVEIRA, David Mesquiati de. Apresentação. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 7.

outros. Neste artigo fez-se a opção por apenas dois temas: a teologia pentecostal e as questões sociais e a teologia pentecostal e o ecumenismo, que serão apresentados a seguir.

2.1 Teologia pentecostal e questões sociais

A pneumatologia é o coração da teologia pentecostal. A vivência pneumática de suas comunidades eclesiais são, sem dúvida, a grande novidade e contribuição do pentecostalismo a todo o cristianismo. Porém, valendo-se da reflexão do teólogo pentecostal Adriano Lima, analisando a pneumatologia da Igreja Assembleia de Deus, que pode ser aplicada a todo o pentecostalismo, percebe-se o caminho da pneumatologia pentecostal no afastamento do mundo e das questões sociais. O nascente movimento, para vencer os desafios de seu período inicial, como serem excluídos e taxados como *nova seita* por católicos e protestantes históricos e a falta de recursos financeiros, fez a busca por encher-se do Espírito, pois o mundo não possuía nada de bom para lhes oferecer. Assim, desenhou-se uma compreensão do Espírito como aquele que afasta do mundo e aproxima de Deus. Para estar cheio do Espírito Santo é preciso afastar-se do mundo e de suas questões sociais. Por essa razão, os principais tratados de pneumatologia pentecostal não enfatizam o engajamento social, a busca da justiça e da paz, como elementos identificadores da presença do Espírito Santo na vida de seus fiéis.³⁸

Outra explicação para o afastamento do pentecostalismo das questões sociais está em sua escatologia, como demonstra o teólogo pentecostal Fernando Albano:

*A escatologia pentecostal é orientada pela apocalíptica judaica, pelo fim da história, vinda de Jesus Cristo e juízo final. Esta perspectiva pentecostal resultou em tendência de abandono do mundo e, portanto, de omissão ou indiferença às questões pertinentes à cidadania e ação transformadora do mundo. Desse modo, o mundo está irremediavelmente perdido e importa morar no céu, salvando a alma da condenação.*³⁹

³⁸ Cf. LIMA, Adriano; BOFF, Clodovis Maria. A pneumatologia realista de Michael Welker: contribuições para a pastoral da Assembleia de Deus. *REB*. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, v. 75, n. 298, p. 351-368, Abr./Jun., 2015. p. 352.

³⁹ ALBANO, Fernando. Escatologia pentecostal: na fronteira do abandono e transformação do mundo. In: VALÉRIO, Samuel Pereira; CARVALHO, Osiel Lourenço. *Reforma Protestante e pentecostalismos no Brasil: aproximações e distanciamentos*. Vila Graciosa: Reflexão, 2017. p. 131.

Porém, Albano ressalta que percebe-se sinais de mudança, com maior conscientização da parte dos pentecostais, concernente à participação responsável na sociedade visando a sua transformação. O mesmo autor, em seu texto *Escatologia pentecostal: na fronteira do abandono e transformação do mundo*, apresenta um diálogo entre a escatologia pentecostal e os teólogos Paul Tillich e Jürgen Moltmann, com o objetivo de fundamentar uma escatologia pentecostal que não se refira exclusivamente ao futuro, mas que o Reino de Deus já está presente no meio de nós, o que deve gerar um engajamento transformador no presente.⁴⁰

Mas, este engajamento transformador no presente ainda encontra muitas dificuldades, pois, mesmo que os pentecostais estejam mudando sua participação na política, ela tem escolhido a via do poder. O teólogo pentecostal David Mesquiati recorda que o número de deputados pentecostais tem crescido a cada eleição, mas estes políticos não manifestam nenhum apoio a passeatas e protestos, prevalecendo uma mentalidade burguesa de indiferentismo as minorias e movimentos sociais. Por isso, Mesquiati questiona se isso pode ser considerado profetismo, entrar na vida pública apenas para associar-se a governos, receber subsídios para atividades pastorais, reduzir a política a dimensões partidárias e elitistas.⁴¹ Diante deste quadro, o teólogo em questão busca dar um novo sentido ao profetismo pentecostal à luz do profetismo bíblico libertador, em seu estudo *Profetismo bíblico e profetismo pentecostal: um chamado à transformação social*, onde, em diálogo com teólogos latino-americanos, busca ampliar a concepção de profecia no meio pentecostal, que tradicionalmente sempre visou apenas a transformação subjetiva, afirmando que:

*O profetismo bíblico foi altamente transformador. O profetismo pentecostal não pode ser diferente. O revestimento de poder pentecostal deve traduzir-se em ousadia para interpelar o mundo. Para isso, será necessário ampliar o seu entendimento sobre profecia, não como algo futuro, mas como uma inserção no mundo, para anunciar e viver a justiça de Deus.*⁴²

Também a teóloga pentecostal Regina Fernandes Sanches, diante do desafio do pentecostalismo frente as questões sociais, busca funda-

⁴⁰ Cf. ALBANO, 2017, p. 145.

⁴¹ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. Profetismo bíblico e profetismo pentecostal: um chamado à transformação social. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Pentecostanismos e transformação social*. São Paulo: Fonte, 2013, p. 55.

⁴² OLIVEIRA, 2013, p. 62.

mentar a partir da teologia latino-americana (Teologia da Libertação Católica, Teologia da Libertação Protestante, Teologia da Missão Integral) uma teologia pentecostal latino-americana, contextual e relevante. Para ela, é preciso uma teologia que amplie o sentido da experiência pentecostal e a conduza para além dos portões das comunidades eclesiais e da sua condição privada, que a torne expressiva para o contexto mais amplo e problemático latino-americano. Para isso, é necessário que se faça teologia pentecostal a partir desse contexto e de suas perguntas específicas. Assumir a pentecostalidade de uma teologia é assumir seu marco de referência, isso significa que será uma teologia pneumatológica, ou seja, terá na obra do Espírito Santo sua chave hermenêutica. Assim, diante dos graves problemas sociais que a América Latina possui, que comprometem a vida de diversas formas, uma teologia pentecostal latino-americana verificará que a obra do Espírito segue em direção contrária a tudo isso, expondo tal impiedade, empoderando aqueles sem voz e gerando esperança nas pessoas e comunidades afetadas por situações desumanizadoras.⁴³

2.2 Teologia pentecostal e ecumenismo

A participação de pentecostais nos organismos acadêmicos e ecumênicos acima apresentados e em outros tem promovido o desenvolvimento de uma teologia pentecostal ecumênica, a partir de suas linguagens próprias. Em nível latino-americano, um autor que merece destaque, ao se falar sobre a relação entre pentecostalismo e ecumenismo, é o teólogo pentecostal peruano Bernardo Campos. Ele tem refletido sobre o pentecostalismo e a unidade dos cristãos a partir de uma categoria que denomina *pentecostalidade*. Para ele, a pentecostalidade diz respeito a toda prática religiosa moldada pelo acontecimento de Pentecostes, e é entendida como uma experiência universal que eleva à categoria de “princípio” (*arqué* ordenador) as práticas pentecostais que procuram ser concretizações históricas dessa experiência primordial.⁴⁴ A pentecostalidade é o princípio pentecostal (sua experiência religiosa), e os pentecostalismos (igrejas, movimentos, ministérios, etc.) são as formas históricas assumidas pela pentecostalidade. Logo, para Campos:

⁴³ Cf. SANCHES, Regina de Cássia Fernandes. Contribuições da teologia latino-americana para uma teologia latino-americana. In: OLIVEIRA, 2014, p. 52-54.

⁴⁴ Cf. CAMPOS, 2002, p. 85.

em sua qualidade de “princípio”, a pentecostalidade em si mesma rejeita qualquer concretização histórica do tipo pentecostal que pretenda ser sua expressão única (exclusiva) ou que pretenda convertê-la em seu absoluto, negando a outros a possibilidade de fundamentar-se também nela (inclusividade).⁴⁵

Assim, a experiência pentecostal (a pentecostalidade) é ecumênica em si mesma, pois não é exclusiva de uma única denominação. A partir disso, na perspectiva ecumênica de Bernardo Campos, deve-se trabalhar pelo encontro entre todos os pentecostais, mas não pode-se contentar com um ecumenismo puramente pentecostal. O pentecostalismo deve entender-se como parte do Cristianismo e dialogar com as outras tradições cristãs.⁴⁶ Além disso, Campos ainda fala de uma pentecostalidade universal, segundo a qual, o pentecostalismo deve dialogar também com todas as religiões e com a humanidade de modo geral.⁴⁷

No Brasil, também está se desenvolvendo um pensamento pentecostal ecumênico e inter-religioso. Apresenta-se aqui algumas ideias de dois autores pentecostais, ambos assembleianos, David Mesquiati de Oliveira e Adriano Sousa Lima. Deve-se ressaltar que esses autores não falam em nome de todo o pentecostalismo, nem oficialmente em nome de suas denominações, todavia, falam com a consciência de pertencer à família pentecostal.

David Mesquiati aponta que, “nas últimas décadas, os pentecostais começam a perceber que para se relacionar com outros grupos religiosos necessitam de uma linguagem comum, que pode ser via academia (estudos formais) e/ou via convivência [...] Dessa forma, o discurso teológico pode ser um meio de comunicação e de diálogo”.⁴⁸ Por isso, o pentecostalismo deve desenvolver uma teologia que seja dialógica, superando o tom metafísico, absoluto, inquestionável e assumindo o diálogo como

⁴⁵ CAMPOS, 2002, p. 85.

⁴⁶ Cf. CAMPOS, Bernardo. Esboços sobre pentecostanismos e unidade na América Latina: o desafio do Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLC). In: OLIVEIRA, 2015, p. 27.

⁴⁷ Cf. CAMPOS, Bernardo. Pentecostalismo y unidad em América Latina: “Aspectos teológicos”. In: CAMPOS, Bernardo; ORELLANA, Luis (Orgs.). *Fuego que une: pentecostalismo y unidad de la iglesia*. Lima: FPLC; FCM, 2014. p. 36.

⁴⁸ OLIVEIRA, David Mesquiati de. Reforma protestante, educação teológica e indigeneidade: os pentecostais e os Tupinikim. *Reflexus*. Vitória: UNIDA, v. 10, n. 15, p. 53-74, jul/dez, 2016b. p. 70.

um valor, reconhecendo que pode aprender com os outros.⁴⁹ Com uma teologia dialógica, o pentecostalismo também desenvolverá um modelo de missão comunicativo, onde o encontro com o outro deveria estar pautado no respeito pela diferença, pela provisoriidade das sistematizações, pela superação de conflitos e por uma atitude de escuta, que possibilite a criação de pontes com pessoas de outras religiões.⁵⁰ Assim, segundo o autor, para uma abertura do pentecostalismo ao ecumenismo, deve-se abandonar sua antiga compreensão de ecumenismo e entender que a unidade da Igreja não é um simples projeto de um grupo, ou uma moda dos tempos pós modernos, ou um plano conspirador velado, mas é um desejo que teria sido expresso por Jesus e um testemunho ao mundo.⁵¹

Adriano Lima parte da ideia de que o crescimento do pentecostalismo se deu em um contexto de pluralismo, logo, “a diversidade cultural e religiosa exige que a teologia pentecostal tenha uma postura dialógica com as outras religiões”.⁵² Por isso, o relacionamento com as outras tradições religiosas deveria passar do sectarismo, fundamentalismo e fechamento para uma busca de aproximação, diálogo e cooperação. Embora ainda não seja possível visualizar quando o pentecostalismo de fato se abrirá para o diálogo com outras religiões no Brasil sem uma finalidade proselitista.⁵³ Em suas reflexões, ele aponta algumas questões que devem ser superadas no pentecostalismo para uma abertura ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso, como: a *superação da leitura fundamentalista da Bíblia*, pois a linguagem bíblica deve ser traduzida para uma linguagem atualizada e compreensiva ao ser humano pós-moderno, que amplie os horizontes do pentecostalismo; e o *engajamento no mundo*, pois o pentecostalismo é um grupo notável de religiosos no Brasil e pouco ou quase nada tem feito pelo país. Para reverter essa situação, o pentecostalismo deveria rever seus conceitos e entender que Pentecostes possui

⁴⁹ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. Teologia pentecostal dialógica. In: OLIVEIRA, 2014, p. 31-33.

⁵⁰ Cf. OLIVEIRA, 2016a, p. 332.

⁵¹ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. Mais que espiritual, unidade visível: unidade cristã a partir de Efésios 4,1-6. In: OLIVEIRA, 2015, p. 140.

⁵² LIMA, Adriano Sousa. Pentecostalismo e diálogo inter-religioso. In: OLIVEIRA, 2014, p. 35.

⁵³ Cf. LIMA, Adriano, Sousa. Assembleia de Deus no Brasil e o diálogo inter-religioso. *Caminhos de Diálogo: Revista Brasileira de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso*. Brasília: CNBB, a. 2, n. 2, p. 43-52, jan/jul, 2014, p. 44-45.

uma dimensão de engajamento social, que deve acontecer em diálogo com as outras tradições religiosas que convivem na mesma sociedade.⁵⁴

E, como pistas para o engajamento pentecostal no diálogo, Lima aponta alguns caminhos, baseados na vitalidade espiritual do pentecostalismo: a *comunhão com Deus*, pois o pentecostalismo possui sua centralidade na espiritualidade, na busca da comunhão com o divino. Elemento este, que, recorda Lima, está presente em outras religiões, sendo que elas também estão em busca de comunhão com o Divino, com o Transcendente, com o Absoluto. O pentecostalismo deveria compreender isso como uma riqueza e não imaginar que as outras espiritualidades são equivocadas. E o *serviço cristão*: os pentecostais deveriam compreender que a categoria Reino de Deus entendida profundamente diz respeito a todos os seres humanos, todas as culturas e religiões. Dessa forma, todas as vezes que os cristãos e as pessoas de outras tradições religiosas trabalham juntas pela causa dos direitos humanos, da libertação integral dos que vivem oprimidos, estão trabalhando pela construção do que seria o Reino de Deus.⁵⁵

Considerações finais

O presente artigo deixa evidente que o pentecostalismo nunca foi um movimento homogêneo, e agora, com sua inserção em diversos ambientes acadêmicos, tende a pluralizar-se ainda mais. Isto rompe com uma visão estereotipada de que os pentecostais não produzem teologia, não possuem um pensamento crítico. Assim, as iniciativas aqui apresentadas e recentes reflexões na teologia pentecostal brasileira, demonstram que há uma importante abertura dos pentecostais em curso.⁵⁶ Todavia, como recorda Luis Orellana, esse grupo seria composto por um tipo

⁵⁴ Cf. LIMA, Adriano Sousa. O diálogo inter-religioso nas Assembleias de Deus: desafios e possibilidades. In: 1º Simpósio Sudeste da ABHR/ 1º Simpósio Internacional da ABHR, São Paulo. *Diversidades e (in) tolerâncias religiosas*. São Paulo: ABHR, v. 1, p. 2167-2179, 2013. p. 2171-2172.

⁵⁵ Cf. LIMA, Adriano, Sousa. O diálogo Inter-religioso como elemento da espiritualidade das Assembleias de Deus. In: 27º Congresso Internacional SOTER, 2014, Belo Horizonte, MG. *Espiritualidades e dinâmicas sociais – memórias e perspectivas*. Belo Horizonte: SOTER, v. 1, p. 2004-2017, 2014. p. 2012-2014.

⁵⁶ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiat de. Os pentecostais também podem cantar juntos “louvado sejas, meu Senhor”. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si’*, do Papa Francisco. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 85.

específico que ele denomina de *pentecostalismo ilustrado*,⁵⁷ ou seja, os pentecostais que tiveram acesso a uma sólida formação acadêmica. Esses, apesar de seu crescimento, ainda são poucos, mas, nas palavras de David Mesquiati, são os que poderiam fazer novas pontes com as outras igrejas e com o mundo.⁵⁸

Referências bibliográficas

ABUMANSSUR, Edin Sued. Introdução. In: ABUMANSSUR, Edin Sued; BARBOSA, Carlos Antonio; VALÉRIO, Samuel Pereira (Orgs.). *Pentecostalismos no Brasil Contemporâneo: novas perspectivas*. São Paulo: Reflexão, 2016.

ALBANO, Fernando. Escatologia pentecostal: na fronteira do abandono e transformação do mundo. In: VALÉRIO, Samuel Pereira; CARVALHO, Osiel Lourenço. *Reforma Protestante e pentecostalismos no Brasil: aproximações e distanciamentos*. Vila Graciosa: Reflexão, 2017.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus – 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

ALENCAR, Gedeon Freire de. Prefácio. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e transformação social*. São Paulo: Fonte editorial, 2013.

ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2011.

BEEK, Hebert Van. O Fórum Cristão Mundial e a busca pela unidade cristã. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

BENTHO, Esdras Costa. Entre a emoção e a razão: a experiência pneumatológica dos pentecostais clássicos. *Caminhos de Diálogo: Revista*

⁵⁷ Cf. ORELLANA, Luis. El futuro del pentecostalismo y la unidad de la fe. In: ORELLANA, Luis; CAMPOS, Bernardo. *Ecumenismo del Espíritu: pentecostalismo, unidad y misión*. Perú: FPLC, 2012, p. 73.

⁵⁸ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. Reflexões sobre a convivência entre pentecostais e católicos no início do século XXI. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evangélicos e católicos: encontros e desencontros no século 21*. São Paulo: Reflexão, 2016, p. 174.

de Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso. Brasília: CNBB, n. 4, a. 3, p. 91-102, 2015.

CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002.

CAMPOS, Bernardo. Esboços sobre pentecostalismos e unidade na América Latina: o desafio do Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLC). In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

CAMPOS, Bernardo. Pentecostalismo y unidad em América Latina: “Aspectos teológicos”. In: CAMPOS, Bernardo; ORELLANA, Luis (Orgs.). *Fuego que une: pentecostalismo y unidad de la iglesia*. Lima: FPLC; FCM, 2014.

CASCO, Miguel Angel; CABEZAS, Roger; MANRÍQUEZ, Samuel Palma. *Pentecostais, libertação e ecumenismo*. São Leopoldo: CEBI, 1996.

CHIQUETE, José Daniel. Apresentação. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e transformação social*. São Paulo: Fonte editorial, 2013.

CORVALÁN, Oscar; ZOMETA, Celina Mercedes. Visão e missão do Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

GEPP. Grupo de Estudos sobre Protestantismo e Pentecostalismo. Disponível em: <<https://geppuc.wordpress.com/>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

GOMES, José Ozean. *Educação teológica no pentecostalismo brasileiro: a política eclesiástica da Assembleia de Deus com respeito ao ensino formal (1943-1983)*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

HAIGHT, Roger. *A comunidade cristã na história: eclesiologia comparada*. Vol. 2. São Paulo: Paulinas, 2012.

LIMA, Adriano Sousa. Pentecostalismo e diálogo inter-religioso. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

LIMA, Adriano Sousa. Assembleia de Deus no Brasil e o diálogo inter-religioso. *Caminhos de Diálogo: Revista Brasileira de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso*. Brasília: CNBB, a. 2, n. 2, p. 43-52, jan/jul, 2014.

LIMA, Adriano Sousa. O diálogo Inter-religioso como elemento da espiritualidade das Assembleias de Deus. In: 27º Congresso Internacional SOTER, 2014, Belo Horizonte, MG. *Espiritualidades e dinâmicas sociais – memórias e perspectivas*. Belo Horizonte: SOTER, v. 1, p. 2004-2017, 2014.

LIMA, Adriano Sousa. O diálogo inter-religioso nas Assembleias de Deus: desafios e possibilidades. In: 1º Simpósio Sudeste da ABHR/ 1º Simpósio Internacional da ABHR, São Paulo. *Diversidades e (in) tolerâncias religiosas*. São Paulo: ABHR, v. 1. p. 2167-2179, 2013.

LIMA, Adriano; BOFF, Clodovis Maria. A pneumatologia realista de Michael Welker: contribuições para a pastoral da Assembleia de Deus. *REB*. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, v. 75, n. 298, p. 351-368, Abr./Jun., 2015.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo*. São Paulo: Loyola, 1999.

MEDOZA, Richar. Apresentação. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostanismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Apresentação. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostanismos e diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

_____. Mais que espiritual, unidade visível: unidade cristã a partir de Efésios 4. 1-6. In: OLIVEIRA, 2015, p. 140.

_____. Notas sobre pluralismo, diálogo inter-religioso e missão. *Atualidade Teológica*. PUC RIO: Rio de Janeiro, v. 20, n. 53, p. 307-337, mai./ago, 2016.

_____. Os pentecostais também podem cantar juntos “louvado sejas, meu Senhor”. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si’*, do Papa Francisco. São Paulo: Reflexão, 2016.

_____. Profetismo bíblico e profetismo pentecostal: um chamado à transformação social. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Pentecostanismos e transformação social*. São Paulo: Fonte editorial, 2013, p. 55.

_____. Reflexões sobre a convivência entre pentecostais e católicos no início do século XXI. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evan-*

gêlicos e católicos: encontros e desencontros no século 21. São Paulo: Reflexão, 2016.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Reforma protestante, educação teológica e indigeneidade: os pentecostais e os Tupinikim. *Reflexus*. Vitória: UNIDA, v. 10, n. 15, p. 53-74, jul/dez, 2016.

_____. Teologia pentecostal dialógica. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostanismos e diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?*. Viçosa: Ultimato, 2015.

OLSON, W. Jonathan. Em busca de legitimidade: estudiosos pentecostais norte-americanos e os dilemas da carreira acadêmica. In: BARBOSA, Carlos Antonio Carneiro (Org.). *Teologia Pentecostal I: o que nos resta fazer?*. Vila Graciosa: Reflexão, 2017.

ORELLANA, Luis. El futuro del pentecostalismo y la unidad de la fe. In: ORELLANA, Luis; CAMPOS, Bernardo. *Ecumenismo del Espíritu: pentecostalismo, unidad y misión*. Perú: FPLC, 2012.

ORO, Pedro Ari. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PLOU, Dafne Sabanes. *Caminhos de unidade: itinerário do diálogo ecumênico na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

POMMENERING, Claiton Ivan. *Fábrica de pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal*. 2015. 217 f. Doutorado (Tese). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2015.

POMMERENING, Claiton. Desafios teológico-institucionais das Assembleias de Deus no Brasil. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostanismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

PUCPR. *Teologia Pentecostal no Brasil: uma análise sistemática*. Disponível em: <http://www.pucpr.br/po_sgraduacao/teologia/receptor.php?id=57264>. Acesso em: 12 jan. 2017.

SANCHES, Regina de Cássia Fernandes. Contribuições da teologia latino-americana para uma teologia latino-americana. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostanismos e diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

SANCHES, Regina Fernandes. Desafios identitários para a questão da unidade no pentecostalismo. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostanismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

SANCHES, Regina Fernandes. Prefácio por uma teóloga protestante. In: CUNHA, Carlos. *Hermenêutica bíblica libertadora: encontro entre católicos e pentecostais*. São Paulo: Garimpo, 2016.

VÁSQUEZ, Oscar Corvalán. *Invitación al “Foro Pentecostal, Panamá, noviembre de 2016”*. Disponível em: <<http://www.foropentecostal.org/2016/07/20/convocatoria-foro-2016/>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

WOLFF, Elias. Editorial. *Caminhos de Diálogo: Revista Brasileira de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso*. Brasília: CNBB, n. 4, a. 3, p. 7-9, 2015.